

A LAGRIMA

QUINZENARIO ILLUSTRADO

PEQUENA CHRONICA

PATRIOTISMO

A data que hoje celebram os portuguezes, em festas, hymnos, representações, luminarias e bombas, tu ló exterioridade, devia, para produzir fructo, ser, de ha muito tempo, antes estímulo a commettimentos grandiosos, que é o ver-la leiro patriotismo, do que systematica manifestação de desagrato para com a nossa irmã gêmea, a Hespanha.

Se não existisse 1640, a Iberia seria hoje uma potencia poderosa, respeitada e grandiosa. Existiu.

Os portuguezes sacudiram o jugo de Castella n'um arranço de patriotismo e deram a independência politica a este formoso palaco de Natureza, beijalo pelo oceano e acaricialo por brisas fagueiras e fragrantas.

Mas o que não souberam foi conservar-lhe tambem a independência moral.

Fugimos da Hespanha e fomos subjugar-nos á Inglaterra.

A Hespanha tinha as mesmas tradições do mar; fallava uma lingua irmã: o mesmo

sol lhe dourava as searas, e pelos seus outeiros e pelos seus bosques cantavam os pastores as mesmas balladas.

Tudo dizia que deviamos ser um só povo.

No entanto, a má politica de Olivares accendeu nos portuguezes o fogo do odio e da vingança. A corrente de sympathia que devia existir entre nós e a Hespanha partiu-se para nunca mais poder soldar-se. E já que a tradição vem fazendo do 1.º de dezembro de 1640 um marco miliario, on le o patriotismo e a pañça nacional descangam, ovim lo o troar das bombas e a siffala barbara dos figles, eu aventaria a ideia de que ao pé d'osse marco se plantassem oliveiras, para, no futuro, haver azeitife com que untar as mólas do carro nacional, que já lhe custa a sahir do charco.

O verdadeiro patriotismo não está n'isso. Não importa soltar vivas á independência da patria

no dia immediato ir vender as colonias, rojar pelo chão a Honra portugueza, empenhar as alfanlegas, estar a reclamar da Europa uma tutela.

Já nos chamaram o Paraguay da Europa. Não tarlará que sejamos peor; o Egypto do occidente.

1640 deve servir para accordar em corações po tuguezes coragem para a lucta que nos cerca. Devemos afastar de nós todo o desanimo e tolos os turtulhos.

Se ha quem entrave a independência nacional, arranque-se-lhe o coração, e passem os novos, os que vêem na Patria um pedaço da propria alma

por cima d'elle ou por cima d'elles.

A independência, porém, está na a minhustração, que se quer honrala, e está no cumprimento das leis, que se querem boas e sabias.

Está no cumprimento dos deveres, e na morigeração dos costumes.

Os nossos antepassados de 1640 foram grandes, porque a ideia da Patria estava-lhe acima do interesse e do egoismo.

A Patria era para

elles um ideal.

Hoje, a ideia da patria é, para os politicos, um mercado, uma feira, on le, com chovalhos filintantes, se chamam e se arrebanham os judeus em linheirados e os sinlicateiros de todas as cores e de todos os matizes.

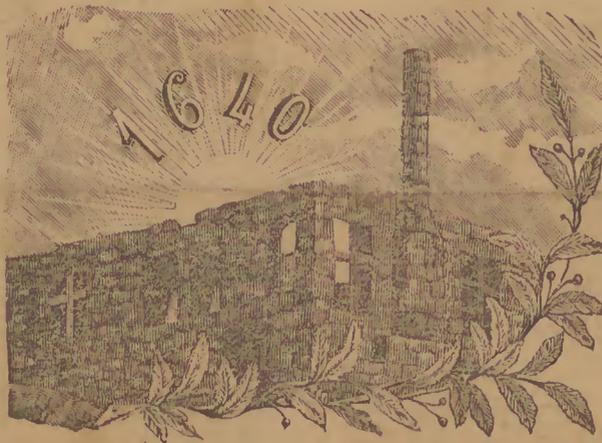
Os heroes de 1640 sacrificaram a vida para tornar Portugal independente, uma nação autonoma.

Hoje a autonómia está nos monopolios e nas negociações de banqueiros filizes e sem consciencia.

Então, ainda se respeitava a Honra nacional. Agora, simplesmente se adora o egoismo particular.

E' por isto que eu não creio, é por isto que eu não vou feito com estas manifestações espaventosas, que só tem a exterioridade, e que não tem um fundo de realidade.

Ha nos corações portuguezes muita falta de fé.



A LAGRIMA

E, sem Fé, não podem surgir obras de algum alcance. Entibiam-se os organismos, e debilitam-se as intelligencias.

E' ver. Na politica, na alta e grandiosa politica, não temos ninguém. Nas letras, nas artes, o mesmo. Somos um povo que dorme um sono cataleptico.

Os Vieira, os Sá da Banleira, os Fontes, os Herculanos, os Camillos... não deixaram descendentes.

¿Havemos, no entanto, de morrer?

Morrer, não.

Se tomarmos dos heroes de 1640 todas as suas virtudes e todo o seu heroico patriotismo.

Z. SARAGAGO

TAÇA DE ANGUSTIAS

*Essa taça fatal, de vinho transbordando,
Da vida symbolisa as nossas fundas dores...
Ao mundo o poeta vem repleto de esplendores,
Trazendo de illusões na mente alado bando.*

*Do berço ao passamento inspira-se no brando
Olhar de seus gentis e candidos amores:
Mas como espinhos tem as mais formosas flores,
Magôa o coração que, triste, vai sangrando.*

*E canta e soffre e chora e cri-se, e a um tempo grita,
Varado pela flecha hervada da desdita
Que o faz tombar do mundo em meio á infanda farça.*

*O corpo á campa vae... mas ficam n'este porto
Miserando e cruel, do grande genio morto,
Pedaços de sua alma em lagrimas esparsa.*

Maio,—20—85.

FERNANDO DE SÁ VIANNA.

NOTAS DA QUINZENA

Chegou o frio. A neve arroganha já os seus dentes brancos, refofilando na terra movida de fresco, e põe nos felhaes um lençol alvissimo, que faz lembrar aos pobres, de manbãsinha, uma tunica mortuaria de noiva ideal.

Porque elles, coitaditos, não tem lenha para fazer uma fogueira; não tem roupa para cobrir o corpo intanguido; não tem o gazalho dos ricos. Apenas as caricias do soalheiro; apenas as restegas do sol amigo que elles espreitam acorados nas encostas abrigadas e nas clareiras confortantes.

Eu tenho uma grande compaixão pelos opprimidos da sorte, pelos desgraçados e pelos infelizes. Se tivera poder para tanto, havia de mandar distribuir um cobertor a cada pobre, e uma sopa a cada infeliz.

Porque o frio chegou, porque a neve ali está

rigida e sêcca, tão sêcca e tão rigida, tão aspera e tão desolante como as nossas leis e os nossos impostos, eu imploro para os desgraçados o sorriso bom da Caridade, o osculo amigo da Compaixão, ou da Obrigação Social.

*

A quest'õ de momento, a que mais se ventilou e ventila ainda, é a do corte de parte da matta da Santa Casa. Houve protestos violentos. A' imprensa, e especialmente ao digno correspondente do «Primeiro de Janeiro», que foi o que deu o rebate de alarme, se deve esta corrente justa de desapprovação ao vandalismo da meza d'aquella caza.

Não é muito pa a assumptos serios este jornal, e especialmente esta secção. O nosso feitiço é rir. Ririno nos dos asnos e das asneiras. A questã, porém, tomou um tal aspecto, que forçoso nos é acompanhar, não só por camaraderagem, mas porque assim o sentimos e o entendemos, os nossos illustra los collegas locais. N'outra terra que não seja Barcellos, qualquer obra, qualquer alteração, interna, ou externa n'um estabelecimento de saúde, não se faz—sem se consultarem os medicos.

O Azylo, que ahi se fez ha poucos annos, é uma porcaria. A humidade é tal que os soalhos estão todos podres, e as paredes suam agua como um grande armazem de sal. As condições hygienicas do Hospital de Barcellos estavam garantidas pela grande, formosa e formosissima cerca, de arvores frondosas, um Bussaco em miniatura, que quasi o envolve. Quem sabe alguma coisa de hygiene sabe perfeitamente que o arvoredo é o grande repositório do oxigenio que aenta os pulmões dos doentes. A matta do Hospital de Barcellos absorve toda a humidade do pantano em que elle está construido, eleva para as alturas os nocivos vapores d'agua, e dos seus pinheiros exhala e respira a aere rez na confortante e fortificante, que dá saúde a s doentes e rev'gora os convalescentes. Em Louã, desde que cercaram e entremearam a cidade de arvoredo fechado, a media obituaría desceu enormemente. O Hospital Estephania de Lisboa está rodeado de frondosas e copadas arvores, e o seu estado sanitario é magnifico, desde que essas arvores alli se desenvolveram. No Hospital de St.º Antonio, do Porto, uma meza illustrada, onde não havia nenhum barcelleiro, nem sequer o servo, mandou plantar grande quantidade de eucalyptos.

Mas isto é lá por fóra. Aqui não ha gente para ver. Ha myopes que só sabem comer.

Tão myopes, que alguns, a proposito da campanha da imprensa contra o corte das arvores, dizem:

—Mas as arvores, se de dia fazem bem, porque respiram oxigenio, de noite fazem mal, porque respiram acido carbonico.

E não se lembram que, de dia, a casa incuba os metros cubicos de ar para a respiração!

A LAGRIMA

O que é interessante é que elles, para desculparem o canibalismo, dizem que o fim é bom (mas o fim não se faz os meios) que é para fazer uma vinha.

Ao que Anastacio respondeu, n'uma sorriso amarello:

—Sim, mas não tem lá para dentro e as arvores não lhe produzem para nada. Toca a deital-as abaixo.



—Mas é preciso é arranhar os canibais que de dentro se. Se não for aos doentes, e á nossa barrica.

—Este sim. Este licór é precioso. Toca a beber, amigos.



Se o fim é este, encher o ventre depois d'uma sessão de meza, ent'ò damos-lhe razão.

Elle, na verdade, serviu irmandades de graça... é uma asneira.

Adiante, que isto já cheira mal.

*

Mas, ainda que pudesse justificar-se a destruição de parte da matta para plantar vinha, n'esse caso, a parte que devia aproveitar-se era a do sul a ponte, á margem d'a estrada que vai para o cemiterio. Porque, plantando a vinha do lado da Pedra do Couto, o sol não pode inundal-a de

luz, porque o arvoredo d'aquellé lado lh'a intercepta e lhe faz refusto infallivelmente. Isto qualquer lavrador d'aldeia o diz.

Do que se prova evidentemente que a meza da Santa Caza—nem sabe nada de hygiene, nem tão pouco de agricultura.

Deu-lhé para allí, e acabou-se.

Muita gente fina cria o pão de Deus...

MAGUA INTIMA

Trago dentro de mim un mar de Dor...
E essa eterna agitação das ondas
symbolisa o murmúrio que não sondas...
Ou dúvidas cruéis do teu amor!

Famalicão.

ANTONIO DE MELLO.

TREZ E MEIO...

Na semana finda, deram-se á sepultura, em dois covões quasi nuidos, á Trinta Reis e o Patato. Dois desgraçados, dois infelizes: Ella; depois das aventuras da mocidade, velha; quasi paralytica, ia enganando a vida, *deitando cartas*, Elle, quasi sempre bebado, recoveiro das peixeiras da praça, lá ia arrastando o capote ensebado, de saragoça cõr de pinhão, cantando e berçando, *do meu nido*... E os rapazes faziam-lhe troça, apinnavam-n'ò, e elle sempre a rir, coitado.

Distançam agora. A vida, para muitos, é mais pezada do que a terra que lhe enche a barrica.

Quasi todas as noites a serenidade do ar, que dorme, tem sido ferida pela vomitante serenata de uns noitibós de sorrisos amarellos e doentes.

O que nos admira é que alguém faça critica áquellas cantigas de «ajoelhadas» e «horizontaes», a federem a enxovia,—e depois vá acompanhalas...

Os habitantes da villa accordam sem querer... A auctoridade, essa, dorme porque quer...

AMOR PELAS TRAZEIRAS

Um dos nossos dandys dialogava assim com a sua Ella, nas trazeiras d'uma casa ali para o... (cala-te boeca.)

—Não sabes; esta noite tive um sonho muito bonito.

E ella a querer logo saber do sonho.

—E que foi então o sonho?

—Orá, foi um sonho da cõr da tua bluza.

—Então foi cõr de rosa...

E' verdade. Mas ou antes queria que fosse d'outra cõr.

A LAGRIMA

—Da amarella?
—Não; verde. Para ao menos ter esperanças.
—Então é tornar a sonhar a noite que vem.
—Não sabes? Eu amanhã vou partir.
—Para onde?
—Para muito longe. Talvez em pouco tempo esteja na Africa; e quando eu voltar, para sermes felizes, hei-de trazer-te um papagaio verde...
Porque o verde é a minha esperança.
— E não has de trazer tambem um macaquinho?
—Tambem.
—Vou-me embora, que vem a mãe para o quintal e pesca-nos. Adeus.
—Então, até amanhã á mesma hora.
Ella ficou a escovar a roupa, e elle foi... passear.

N'uma das ultimas noites, gritou-se aqui d'elrei fogo, n'uma casa da rua Direita.

Uniu a companhia de bombeiros; juntou-se muito povo, e afinal de contas averigou-se que tinha havido simplesmente, lá para as trazeiras, uma pequena chaminadella na chaminé.

Agora, fogo pra terra costuma haver todos os dias, mas é nas costas da mulher do dono da casa em questão, acompanhado d'umas phrases pouco adocicadas...

Subscripto engraçado.

«Exm.^a Sn.^a D. Rosa Expinheira uma Caza de baranda, numa rua infrente do Campo da feira, por não saber o nome em

Barcelos

Esteve mais uma vez em Barcellos o sr. D. Carlos.

Appareceu-nos d'esta vez muito farto de carnes, e transbordante de empatia,—a dizer que «isto é uma terra de selvagens».

Ora, este pelle vermelha diz d'aquillo, porque os barcellenses só tem os ossos... e portanto recebem-n'o com os foguetes da troça—e elle assim como desforço de creança chama-lhes nomes feios.

E o sr. D. Carlos a vestir á europcia...

O «Commercio de Barcellos» de 25 de novembro publica um soneto—Saude—assignado por Dalnar O. Arbz, que nos cheira a poeta d'agua doce cá da Parvonia. Decifra-se bem o nome. Ora, é sabido que o soneto precisa abrir-se com chave de prata e fechar-se com chave de ouro. Isto não o faz o sr. Dalnar O. Arbz, que nos dá o 1.^o verso do 1.^o terceto demasiadamente branco, coxo,

Os seus olhos da cor das esperanças,
e o ultimo do 2.^o terceto, com nuna syllaba de mais, e sem o accento predominante no lugar competente,

Onde eu vinha esconder minha saudade.

Já o temos dito, meus meninos: isto de versos, ou mito bem feitos, ou nada.
Outro modo de vida.

A' rua Direita, ali em frente a loja do Freitas, barbeiro, emboea uma viella.

E' muito natural que isso succede, assim como o é correrem os ribeiros para o rio, e os rios para o mar; ora o que não é proprio é deparar-se nos Hymalayas de lixo, e aspirar-se, quando se pussa proximo d'ella, na rua Direita, um simoun de fédlito pestilencial...



Publicamos na «Lagrima» d'hoje o bello soneto—«Taça de angustias».—, producção do nosso illustre patrio e antigo collaborador do «Paiz» do Rio de Janeiro sr. Fernando do Si Vianna, assasinado covardemente por occasião das ultimas luctas intestinas do Brazil.

Abrilantando as paginas do nosso quinzenario com aquella scintillante producção, que é inedita, prestamos ao mesmo tempo homenagem ao saudoso e malogrado vate.

(A «Lagrima» é o jornal de maior tira tem n'esta villa. Preço 20 reis por mez)

Responsavel:—João G. da Silva

—Typographia da «Folha da Manhã»—